

APRENDIZAGEM NO CANDOMBLÉ: INOVAÇÕES E PLURALIDADE

Ângelo Nonato Natale Cardoso
angelonnc@yahoo.com.br
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo

Sempre foram várias as maneiras de se aprender. Mas, como tudo, as formas de transmissão do saber não estão estáticas, nem são exclusivas. Ao longo do tempo novos modos de se passar informações são descobertos e os anteriores podem ser re-elaboradas, descartados ou mantidos. Tal fato pode ser claramente observado nos dias de hoje, em decorrência do avanço tecnológico e da imposição do modo de vida moderno. As religiões não são exceções. Assim como todas as áreas, elas são influenciadas e utilizam os avanços tecnológicos para a transmissão de sua ciência. O presente trabalho focaliza, justamente, a transmissão de conhecimento de uma religião afro-brasileira: o candomblé. Embasado em uma pesquisa de campo e bibliográfica, este artigo procura mostrar as formas de aprendizagem nessa religião. Será mostrado como alguns meios de transmissão de conhecimento foram incorporados, re-elaborados ou mantidos pelos adeptos dessa religião; e como as diferentes faces da aprendizagem não se excluem. Apesar de serem formas distintas de assimilação do conhecimento, todas têm o mesmo propósito: vivificar as formas ritualísticas e dar continuidade à religião. De fato, é este propósito que impele o adepto dessa religião a incorporar e remodelar novas maneiras de se *aprender candomblé*.

Palavras chaves: candomblé, etnomusicologia, aprendizagem

Abstract

There have always been many ways of learning. However, modes of knowledge transmission are neither static nor exclusive. Throughout history, new modes of transmitting information are continuously being discovered and the previous ones may be re-elaborated, rejected or kept. This fact can be clearly observed nowadays due to technological development and the imposition of the modern way of life. Religions are not exceptions. Just as with all areas, they are influenced by technological advances and use them for transmitting their science. This paper focuses on the transmission of knowledge within an Afro-Brazilian religion: the candomblé. Based on fieldwork and bibliographic research,

this article presents forms of learning within this religion. It also shows how some forms of knowledge transmission have been incorporated, re-elaborated or kept by the religion's followers, and how these different modes do not exclude each other. Although they constitute distinct forms of knowledge assimilation, they all have the same purpose: to enliven this religion and its ritualistic forms. In fact, this is what leads the religion's adept to incorporate and remodel new ways of learning candomblé.

Key words: *candomblé, ethnomusicology, learning*

Sempre foram várias as maneiras de se aprender. Mas, como tudo, as formas de transmissão do saber não estão estáticas, nem são exclusivas. Ao longo do tempo novos modos de se passar informações são descobertos e os anteriores podem ser re-elaborados, descartados ou mantidos. Tal fato pode ser claramente observado nos dias de hoje, em decorrência do avanço tecnológico e da imposição do modo de vida moderno. As religiões não são exceções. Assim como todas as áreas, elas são influenciadas e utilizam os avanços tecnológicos para a transmissão de sua ciência. O presente trabalho focaliza, justamente, a transmissão de conhecimento de uma religião afro-brasileira: o candomblé. Embasado em uma pesquisa de campo e bibliográfica, este artigo procura mostrar as formas de aprendizagem nessa religião; como alguns meios de transmissão de conhecimento foram incorporados, re-elaborados ou mantidos pelos adeptos dessa religião; e como as diferentes faces da aprendizagem não se excluem. Apesar de serem formas distintas de assimilação do conhecimento, todas têm o mesmo propósito: vivificar as formas ritualísticas e dar continuidade à religião. De fato, é este propósito que impele o adepto dessa religião a incorporar e remodelar novas maneiras de se *aprender candomblé*.

Generalizando, pode-se dizer que a principal forma de aprendizagem no candomblé se dá por meio do contato com o terreiro e com seus adeptos. Visto que as pessoas se ligam a essa religião de várias formas, em diferentes faixas etárias e mantêm uma proximidade com ela em vários níveis, é natural que as formas de aprendizagem não sejam únicas. Alguns terreiros, por exemplo, são ladeados por várias moradias. Nelas, há pessoas que já na barriga da mãe freqüentavam os rituais. Mas há aqueles que apesar de morarem nos arredores só entraram em contato com a religião depois de homens feitos, porém, por morarem perto, mantêm um contato constante com a casa. Há outros que entraram para a religião

adultos e moram longe, portanto não têm condições de manterem uma proximidade regular com o terreiro. As situações são bem variadas, o que acarreta em buscas de aprendizagens distintas.

Pessoas que mantêm contatos inconstantes com a casa podem querer buscar informações mais intensas com os seus líderes, se valendo da tradição oral para seu objetivo. Ou seja, por não manterem uma aproximação regular com os pais-de-santo, quando os encontram procuram tirar o máximo de proveito daquele contato. Àqueles que vivem literalmente no terreiro, aprendem quase que por “osmose” os comportamentos ideais referentes à religião. Obviamente, as formas diferenciadas de aprendizado não são excludentes, pelo contrário, são formas acumulativas de conhecimento. O que ocorre com pessoas com contatos diferenciados em relação ao terreiro, é que a ênfase em determinada forma de aprendizado varia conforme o grau deste contato. Indivíduos nascidos e criados em casa-de-santo¹, não necessitam adquirir a maioria do conhecimento através de questionamentos, visto que a observação já lhes garante grande parte das respostas. Também, muitas vezes, este conhecimento já lhes é, por assim dizer, natural, uma vez que o adepto nascido no candomblé, por crescer vendo determinados comportamentos, os incorpora em seu cotidiano. Desta forma, assim como em qualquer forma de aprendizagem humana, a observação, a tradição oral e a incorporação comportamental, são mecanismos importantes na aprendizagem do candomblé.

Essas três formas de aprendizagem têm sido o pilar do ensino no candomblé. Contudo, já há décadas, outras formas de transmissão e manutenção do conhecimento podem ser constatadas. Roger Bastide, que pesquisou o candomblé baiano na década de 40, por exemplo, escreve sobre a função de babalaô²; sobre este cargo, diz ele: “[...] a condição principal para o indivíduo ser babalaô é possuir boa memória. Mas, para auxiliá-la, conserva-se a lista dos sacrifícios, e as historietas registradas em cadernos escolares, ao abrigo de olhares indiscretos. Tivemos um em nosso poder” (2001: 122). Autores mais recentes também mencionam a escrita como recurso da aprendizagem. Conforme Barros, é comum “[...] que os mais novos iniciados tenham cadernos onde anotam o que é por eles observado: os cânticos, preces e outras preciosidades recolhidas no cotidiano; contudo, jamais dei-

¹ “Casa-de-santo” é um termo utilizado como sinônimo para “terreiro” ou “roça”. Corresponde à casa onde a maioria dos rituais são efetuados.

² Babalaô é o “pai dos segredos”, o sacerdote responsável pelo culto dos oráculos. Outrora este cargo era de extrema importância no candomblé. Vários rituais necessitavam da consulta a um babalaô. Contudo, hoje em dia, este cargo parece ter desaparecido do cenário religioso dessa religião. Conhecido como babalorixá, quando for homem e ialorixá, quando for mulher, o sacerdote no candomblé assumiu as funções deste que era um dos títulos mais prestigiados nesta religião. (mais informações sobre babalaôs, ver: Bastide, 2001, p. 115- 124; Carneiro, 1991, p. 119-120).

xam perceber a sua existência, guardando-os em absoluto segredo” (2000: 40). Vagner Gonçalves da Silva chega a nomear estes cadernos e demonstra que eles não são exclusivos dos iniciados mais novos. Segundo ele:

“uma das formas de sistematização do conhecimento é a utilização, pelo povo de santo, dos chamados ‘cadernos de fundamentos’ escritos por eles mesmos para reter de maneira segura os conhecimentos que são adquiridos com o decorrer do tempo e que são utilizados cotidianamente nas inúmeras e minuciosas tarefas religiosas que devem ser executadas numa ordem necessária e com elementos definidos” (1995: 247).

Para destacar a importância destes cadernos, o autor menciona que em um processo de sucessão do pai-de-santo³ de uma casa, dois destes cadernos foram motivos de disputa entre as candidatas ao cargo (1995: 247). Como afirmam os autores, estes “cadernos de fundamento” devem ser bem guardados, visto que em meu convívio com o povo-de-santo, nunca me deparei ou ouvi falar deles. Mas com certeza eles existem. Mais de uma vez vi os iniciados fazendo anotações e, em dada ocasião, assisti um babalorixá realizando um ritual tendo como guia uma lista.

A presença da escrita na aprendizagem do candomblé, não se faz presente apenas como anotações dos iniciados. Entre os indivíduos ligados ao candomblé, sejam iniciados recentes ou mais antigos, praticamente todos têm em sua casa um ou mais livros sobre o gênero. Eu mesmo, várias vezes, emprestei livros com essa temática para babalorixás, ogãs⁴ e equedis⁵. Certamente, esses livros não são decorativos, pois é freqüente escutar os iniciados, em suas conversas, usarem como referências autores que escreveram sobre a crença nagô; e, quando necessário, é comum buscarem os livros nas prateleiras para reforçar o que dizem.

Novas tecnologias também não ficaram de fora da aprendizagem no candomblé. Materiais como fitas cassete, fitas de vídeo, cds, discos de vinil, são intercambiados entre o povo-de-santo, não apenas como objetos ilustrativos, mas como fonte de conhecimento. Assim como estes materiais, a internet é utilizada como um meio instrutivo. Da mesma maneira que os livros, as informações retiradas da rede mundial de computadores são citadas

³ Nome pelo qual é chamado o babalorixá, ou seja, o sacerdote no candomblé.

⁴ Cargo honorífico dado a alguns homens nesta religião. Quem possui este cargo possui várias incumbências, entre elas estão: tocar os instrumentos musicais e zelar pela ordem durante os rituais públicos. Os ogãs não recebem santo, ou seja, não passam pelo fenômeno da possessão.

⁵ Equede é um cargo restrito às mulheres. Entre suas funções se encontram, por exemplo, a de auxiliar a divindade com suas vestes durante sua dança, depois que esta incorpora em um de seus filhos. As equedes, assim como os ogãs, não recebem santo.

e usadas como referência entre as pessoas dessa religião. Em decorrência dessas novas maneiras de registro de conhecimentos sobre a religião, a acessibilidade a determinados tipos de informação se tornou bem maior. É provável que a utilização dessas novas formas de transmissão e manutenção desse saber tenham se dado tanto em virtude dessa acessibilidade, quanto pelos novos modos de vida ocasionados pela era contemporânea. Isto é, uma vez que a dinâmica do ser humano atual, geralmente, o impede de adquirir informações através de um contato mais regular e prolongado com seu pai-de-santo, outras fontes de informações, neste caso geradas pela tecnologia, se transformaram em um recurso adicional de aprendizagem.

Além dos pais e mães-de-santo indicarem livros, emprestarem cds, vídeos, tudo isso claramente realizado como uma forma complementar de ensino, preocupados com a dinâmica da vida contemporânea, vê-se algumas inovações práticas no ensino, por parte dos líderes da religião. Um exemplo recente dessas novidades é a criação de “Oficinas de toques de atabaques”. Essas oficinas consistem no ensino dos toques de candomblé para grupos de crianças. Essa iniciativa foi tomada primeiramente por Edvaldo Araújo⁶, na Casa Branca. Hoje, outras casas de candomblé, seguindo o exemplo de Edvaldo, também realizam essas oficinas. Conforme o próprio alabê da Casa Branca, sua iniciativa nasceu de uma preocupação em capacitar pessoas a manter a tradição dos toques. Segundo Edvaldo, se ele se fosse, iria ficar difícil encontrar pessoas que mantivessem os toques dos mais velhos. Obviamente, este jeito inédito de ensinar música de candomblé traz conseqüências, tais como o aluno aprender a tocar música separada do contexto, o que, até então, no candomblé, era impensável. Mas para suprir a falta contextual, esses aprendizes estão sempre presentes nos rituais e, aos poucos, vão sendo convocados a tocar, sempre observados de perto por alguém mais velho. Desta forma, eles aprendem os toques fora da situação prática, mas são levados aos rituais para, através da observação, assimilarem como funcionam estes toques.

Entretanto, três “porém” podem ser aditados no que diz respeito a estes novos recursos de aprendizagem. Primeiro, mesmo utilizando fontes diversas sobre a religião, o adepto do candomblé tem como modelo a sua casa. Para o iniciado, os padrões corretos de comportamento ritual são aqueles transmitidos pelas pessoas mais velhas onde ele fez santo⁷, prin-

⁶ Edvaldo Araújo é o alabê da Casa Branca (um dos terreiros de candomblé mais antigos do Brasil e que deu origem a outros terreiros tradicionais em Salvador, ver Verger 1997, p. 28-30). Alabê é o responsável pela música. Conseqüentemente, apenas os músicos mais experientes possuem este cargo.

⁷ “Fazer santo” é o mesmo que “iniciar”. Ou seja, “fazer santo” refere-se ao processo de iniciação dessa religião.

principalmente o seu pai ou mãe-de-santo. Ou seja, o indivíduo tem como referencial a casa onde ele se iniciou. Esse referencial torna o povo-de-santo bem crítico em relação às informações que chegam até ele. Se algum tipo de contradição é apresentado entre duas informações, prevalece a tradicionalmente utilizada em sua casa. Por isso é muito comum escutar entre as pessoas de candomblé a frase “na minha casa fazemos assim”. Esta afirmativa deixa bem claro que existe um padrão a seguir, e tal padrão é representado pelo terreiro onde o fiel foi iniciado e freqüenta.

O segundo “porém” está relacionado com o contato direto do indivíduo com os rituais do candomblé. Apesar da miríade de informações que, hoje, é facilmente adquirida, a inserção do indivíduo no universo ritual dessa religião, ainda é imprescindível para a aprendizagem. A prática constante e diferenciada dos rituais, a necessidade deles serem executados em uma seqüência rígida, a amálgama onde estes rituais se encontram, faz com que as informações “teóricas” sobre essa religião não substituam as práticas ritualísticas. O entendimento de uma atividade, na perspectiva das pessoas de candomblé, só se dá quando esta é vista dentro de uma ótica holística. Observemos as seguintes frases: “para que você quer aprender a tocar candomblé?”; “não se aprende a tocar candomblé da noite para o dia”; “Edinho ‘Carrapato’ canta candomblé como ninguém”; “Liliane dança candomblé como sua avó, Mãe Nitinha”; “dessa nova geração, quem toca candomblé, como os antigos, é o ‘Papadinha’”; “Rogério conhece candomblé”. Essas frases me foram ditas em conversas informais, ao longo de minha pesquisa de campo. Esta forma de usar o vocábulo “candomblé”, muito usual entre o povo-de-santo, provavelmente traz subjacente um entendimento não verbalizado sobre os elementos constitutivos da religião. *Tocar, cantar e dançar música de candomblé* é diferente de *tocar, cantar e dançar candomblé*. A primeira forma de dizer destaca o elemento de seu contexto e, por conseguinte, ele perde sua função e características originais. A segunda maneira insere o elemento dentro da religião, o que cria um processo totalmente diferente da primeira forma. Quando se toca candomblé, se está preocupado em conduzir e acompanhar a dança, no momento certo de cada toque, quem entra no barracão, como invocar a divindade, tudo isso além de se preocupar em tocar corretamente música de candomblé.

A terceira observação a ser feita se relaciona com o “tabu”. Nem tudo do candomblé pode ser divulgado vulgarmente. Uma parte considerável do conhecimento dessa religião circula apenas entre os iniciados. Pierre Verger, por exemplo, salienta que “o nome das plantas, a sua utilização e as palavras (ofó), cuja força desperta seus poderes, são os ele-

mentos mais secretos do ritual no culto aos deuses iorubas⁸” (1997: 122). Verger se refere ao candomblé na África, contudo suas palavras encontram lugar no candomblé brasileiro. Mesmo entre os iniciados o conhecimento não é transmitido conforme a sua vontade, mas, sim, quando os mais velhos acham que o iniciado está preparado ou necessita receber determinada informação. Não é por ter passado pelo processo de iniciação que se tem acesso às informações que fazem partes dos tabus. Conforme nos mostra Verger, a iniciação não consiste na aprendizagem sistemática dos significados simbólicos e segredos do candomblé (1999: 82). Segundo o autor, a iniciação tem a função de

“criar no noviço, em determinadas circunstâncias, uma segunda personalidade, um desdobramento mítico inconsciente, durante o qual ele manifestará o comportamento tradicional do Orixá, ancestral divinizado [...] Em resumo, a iniciação consiste, portanto, em fazer com que ele [o iniciado] adquira um reflexo condicionado” (1999: 82).

Uma outra citação de Verger pode ser usada para explicar como é criada esta condição, na qual uma segunda personalidade é instalada. Diz ele:

“Durante o período de iniciação, o noviço é mergulhado num estado de entorpecimento e de dócil sugestibilidade, causado, em parte, por abluções e beberagens de infusões preparadas com certas folhas. Sua memória parece momentaneamente lavada das lembranças de sua vida anterior. Nesse estado de vacuidade e de disponibilidade a identidade e o comportamento do orixá podem se instalar livremente, sem obstáculos, e tornar-se-lhe familiar” (1997: 44).

Portanto, pode-se concluir, a partir das palavras do autor, que o ensino também está presente no período de iniciação. Contudo, as informações não são assimiladas através da observação ou da tradição oral, mas, por falta de um termo melhor, por meio de um “condicionamento inconsciente”, visto que é em um estado de atonia mental, “[...] que serão inculcados os ritmos particulares do Orixá, suas cantigas, suas danças e todo o comportamento do deus” (Verger, 1999: 82).

Pode-se dizer que a iniciação é, antes de tudo, um rito de passagem. Como tal, ele marca a entrada do noviço em uma vida nova, uma vida consagrada aos preceitos que regem a religião. Vale ressaltar a observação de Edison Carneiro de que, para alguns pretendentes, o período de iniciação é como um curso de aperfeiçoamento, pois eles “já sabem essas coisas, por serem nascidas e criadas dentro do candomblé” (1991: 96).

⁸ Iorubá é uma língua. Atribuiu-se o nome do idioma às pessoas que o falavam. Ainda hoje, esta linguagem é utilizada durante os rituais de candomblé.

Sendo assim, não é através da iniciação que se tem acesso a todas as informações no candomblé . De fato, pode-se dizer que as formas de aprendizagem nessa religião são múltiplas e complementares. Mas, enquanto algumas das assimilações de conhecimento do povo-de-santo podem ser substituídas, o convívio e a observação ainda são imprescindíveis para se *aprender candomblé*, com todas as implicações que estas duas palavras, juntas, carregam.

Referências bibliográficas

BARROS, José Flávio Pessoa de. O banquete do rei... Olubajé: uma introdução à música afro-brasileira. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Orixás da metrópole. Petrópolis: Vozes, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga Costa dos Escravos, na África. São Paulo: Edusp, 1999.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. 5ª ed. Salvador: Corrupio, 1997.